



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

AS DEZ FADAS

POR ANÃO SABICHÃO

APOSTO que os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» não sabiam, ainda, que o vosso Anão Sabichão é um pintor de alto lá com êle!

Alto não, porque sou um Anão mais que baixinho; muito pequenino, mesmo minúsculo!

Mas, como os *artistas* não se medem aos palmos, eu saí-me um grande homem na arte da paisagem!

Isto tudo vêm a propósito da Guidinha, — uma minha amiga dos seus oito anos de idade, — me ter encontrado, um dia destes, a pintar uma linda vista campestre.

Já se vê, chegou-se logo e, depois de meditar um instante, em frente da minha obra de arte, fez esta estranha observação:

— «Quem me dera, Anãozinho, vêr aparecer, agora, aqui, uma fada!»

— «Francamente, não percebo a razão dêsse teu estranho desejo, amiga Guidinha!» — exclamei eu, admirado.

— «Era porque lhe queria pedir que me emprestasse a sua varinha de condão». — respondeu-me ela, prontamente.

— «Mas para que querias tu a varinha de condão?» — perguntei-lhe, curioso.

— «Para fazer tôdas as cousas sem trabalho. Começava por tocar com ela na gramática e ficava sabendo, logo, a minha lição e, se o Anãozinho me

deixasse, tocaria na sua tela e ficava, logo, o quadro feito.»

— «Mas eu é que não queria, porque, então, perderia todo o prazer de o pintar!»

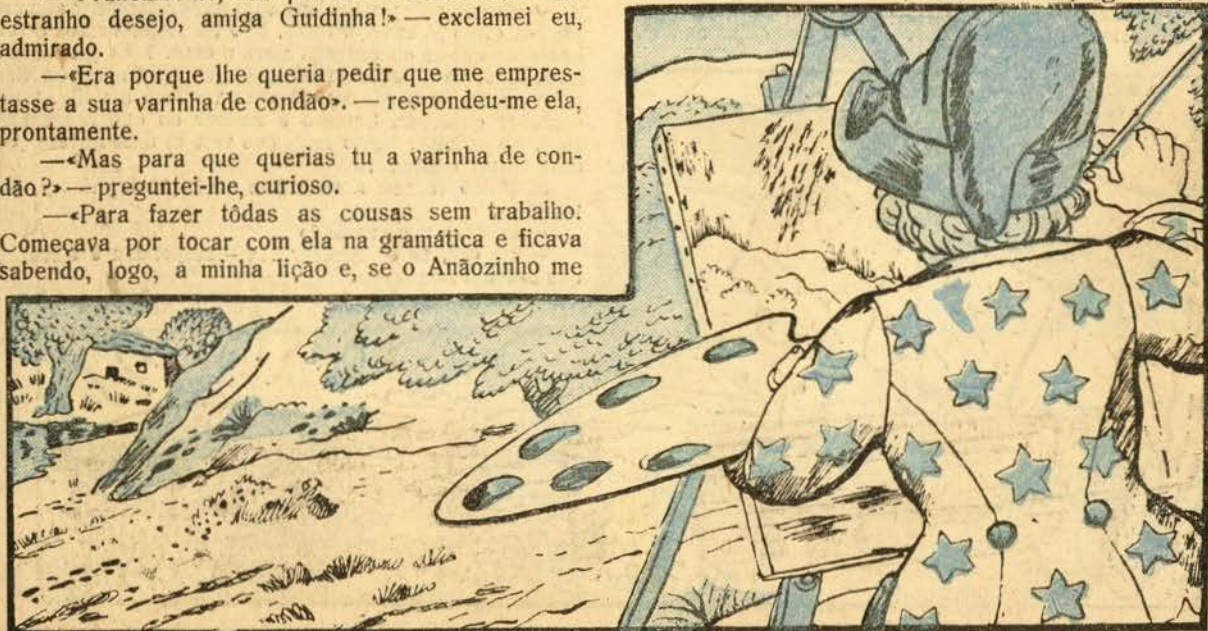
Enquanto olho as flores, as árvores, a luz do sol, que lhes doira as folhas e faz brilhar, como prata, a água do regato, que além corre, e vou pondo na tela estas belas cousas, admiro-as, com tôda a devoção por quem as criou! Já vêes que a tua varinha me tirava êste gôzo; por isso não a desejo!»

— «Pois eu gostava bem de me servir dela, para uma data de cousas!...»

— «Que cousas, Guidinha?»

— «Eu sei lá!... Uma data!... Para me vestir! Para fazer os vestidos à minha boneca! Para estudar as minhas lições...»

(Continua na página 5)



A LENDA da NOSSA RAÇA

Por MANUEL FERREIRA
Desenhos de A. CASTANÊ

CERTO dia estava S. Pedro, o guarda portão do céu, muito ocupado a limpar as chaves da celestial residência, quando surgiram, diante dele, três homens que vinham da Terra.

— «Donde vindes?» — perguntou S. Pedro, levantando-se para ir consultar o livro das boas acções dos homens.

O cavaleiro adiantou-se. Tinha nos olhos um fulgôr extraordinário, como se fitasse a bandeira da sua Pátria. Garboso e desenvolvido, começou a falar:

— «Sr. S. Pedro. Venho de longes terras, Fui um guerreiro que muito protegeu os fracos, os velhos e as donzelas, que necessitavam de defesa. Cometi heroísmos, sem, contudo, deixar de cometer abnegações. Socorri, muitas vezes, inimigos feridos em combate. Deixei-me dominar, muitas vezes, pela cólera, nas batalhas, mas, também muitas vezes, me deixei levar pela caridade. Fui um cavaleiro andante que percorri, na minha missão, as sete partidas do Mundo. Como sempre procedi bem, peço-lhe, Sr S. Pedro, que me reserve um cantinho no céu...»

S. Pedro assestou a luneta e perguntou:

— «Como te chamas?»

O cavaleiro deu o seu nome.

— «Vamos a ver se te posso dar lugar. O céu está muito ocupado, naturalmente não há vaga. Ora vamos lá ver o livro...»

S. Pedro folheou o livro, já muito manuseado. Procurou o nome e disse-lhe:

— «Es bom. Deves vir para aqui. Espera um pouco.»

Tocou u na campainha, e, perfilado, apareceu um anjo.

— «O que deseja, Senhor S. Pedro?»

— «Vê se há lugar no céu para este cavalheiro!»

O anjo partiu à desfilada, montado numa borboleia multicódr. Momentos depois voltou dizendo:

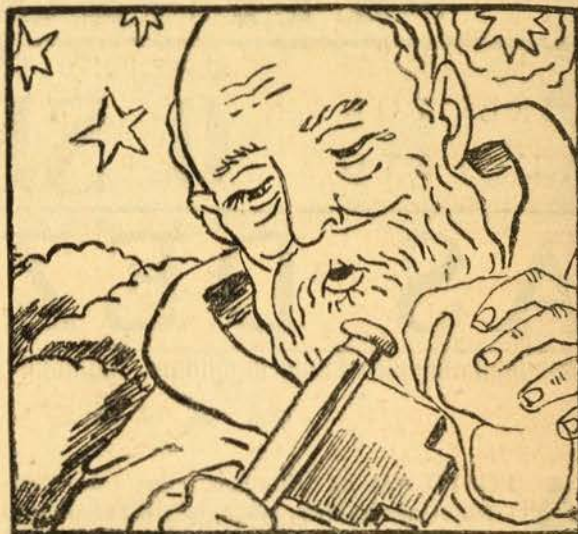
— «Sinto muito dizer ao Senhor S. Pedro que, no céu, não há lugar. Não sei como hei-de resolver isto...»

— «E eu também — tartamudeou, apreensivo, o guarda-portão do céu. — Que destino hei-de dar ao senhor?! Olhe, espere um momento...»

S. Pedro sentou-se e indicou ao cavaleiro um macisso de nuvens, para se sentar. E perguntou ao outro recém-chegado:

— «Donde vindes?»

O poeta, coroado de louros, tendo nos olhos uma do-



cura inegalavel, gestos lindos, sobraçando a lira, começou a expôr as suas razões:

— «Meu caro Senhor S. Pedro. A semelhança daquele cavaleiro, eu venho de longes terras. Fui um poeta que cantou a beleza da terra, das árvores, dos jardins, das flores, das amizades e das virtudes. Cantei heroísmos e incitei, em meus versos, as pessoas a que sempre actuassem de acôrdo com os bons princípios. Fui, também, um cavaleiro andante e apaixonado, que passou o seu tempo a cantar tudo o que de lindo tem a terra e o cue, de formoso, deve ter o céu... A minha missão foi, toda ela, de uma beleza extraordinária porque em tudo eu encontrava motivos para tanger a minha lira...»

— «Como te chamas?» — interrompeu, arrebatado, S. Pedro.

O poeta deu o nome. O guarda-portão procurou no livro e disse:

— «Procedeste sempre bem e mereces o descanso eterno. Porém, como já ouviste dizer, não há vaga. Vamos a ver a solução que se encontrará para o caso. Mas que sorte! Logo hoje, por sinal, não há lugar no céu. Talvez eu lhes possa arranjar acomodação para passarem a noite, num corredor qualquer. Sempre é melhor do que ficarem lá fora, ao relento, tanto mais que vem aí uma nuvem que deve trazer chuva...»

S. Pedro tornou a sentar-se e dirigiu a palavra, ao terceiro:

— «E tu, o que queres?»

— «O céu, se o merecer...» — respondeu o terceiro, que era um mareante.

— «De onde vindes?»



JUSTO CASTIGO

❖ ❖ Por GRACIETTE BRANCO ❖ ❖

○ Juca tem um gatinho, ordinário de telhado, que adora carne, toucinho, leite, pescada, linguado...

Quando vê o cozinheiro, do mercado regressar, com focinho lambareiro, desata logo a miar,

As vezes, lá na cozinha, embora ninguém o deixe, no cesto mete a patinha, tirando postas de peixe!

Já tem sido castigado, pela atitude insolente, e uma manhã, o criado deu-lhe uma sova valente...

Mas não há meio! O bichano, lambareiro e malcriado, todos os dias do ano, faz partidas ao criado!

Um dia um bife. Outro dia lombo de vaca e vitela! Tudo desaparecia na sua enorme gula!

Certa manhã, o criado, farto de tanta partida,

aborrecido e cansado, já diz mal da sua vida!

Mas, nisto, tem uma idéa, — uma idéa genial! — castigo da acção tão feia do lambareiro animal!

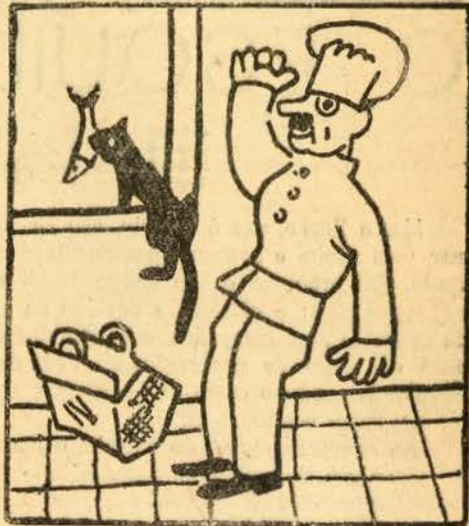
E o cozinheiro pensando no seu belo resultado, ri, à doida, imaginando o gato a miar danado...

Eis a partida: ao chegar do mercado, manhazinha, o cesto vai arrumar lá num canto da cozinha.

Chega o gato, ôlho guloso, anda em volta, rasteirinho... Vinha um cneiro apetitoso lá do fundo do cestinho...

Bichano, matreiramente, bem longe de tôda a vista, mete a pata e, de repente, deu-se uma cena imprevista!

Do tal cesto, eis que saltou um cãozarrão furioso, que, ladrando, se atirou ao focinho do guloso!



Béu-béu-béu! Miáu! Miáu!
Deu-se uma luta tão forte que o gato, guloso e mau, ficou às portas da morte!

Mas não morreu. E, hoje, o gato é cheio de educação! Apenas come no prato, à hora da refeição!

F I M

O navegador avançou, com as mãos calejadas pelos trabalhos rudes do mar e o rosto tisonado pelo ar torde dos oceanos. A cinta, trazia, ainda, a bússula. Tendo nos olhos um clarão, como se ainda fitasse as auroras e o pôr do sol, começou a falar:

— «Também venho de longes mundos. Fui navegador. Aborreci-me, um dia, do meu viver entre quatro montes de terra e, ambicioso, larguei o pano às velas e parti, à aventura, por esses mares 1ora, ante o pasmo das multidões, que admiravam a minha audácia. Vi terras longínquas de maravilha e de feitiço, lá longe, onde a terra é uma faixa colorida entre o azul do céu e o verde-esmeralda do mar... Ajudei a civilizar, pela Fé e pelo Trabalho, muitas gentes que, até aí, eram ignorantes. E quando voltei, rico, e palhei o Bem, às mãos cheias...»

— «Basta! Basta! Dize-me o teu nome, visionário!»
O navegador assim fez. S. Pedro outra vez folheou o livro de Deus e disse:

— «Também tu devias entrar no céu. És um dos escolhidos. Mas, como não há lugar...»

E começou a procurar solução para os três recém-chegados. Nis-o, sorridente, dirigiu-se a eles e disse-lhes:

— «Há, no fim da Europa, um país muito lindo, que veio lá pouco das mãos de Deus. Calculem como esse país é deslumbrante. É todo verde, esnaltado por flores de suaves perfumes. Todo êle, são arvoredos, campos, prados, caminhos pitorescos e montes de vistas deslumbrantes.

Está debruçado sobre o mar, que umas vezes acaricia a praia, mansamente, e outras se atira de encontro aos rochedos, com íuria, como se quizesse — o insensato! — destruir a Terra.

Tu, cavaleiro andante, decerto não conheces esse país lindo que se chama Portugal. Ali, tu terás oportunidade, dado o espírito aguerrido, mas bom, dos habitantes, montanhese e pastores, de te evidenciarees e de fazeres o bem aos fracos e infelizes. Tu, poeta, podes cantar, ali, aquelas terras sem fim, aqueles montes pitorescos, aqueles rios de águas cristalinas, aquelas fontes que cantam entre o arvoredo. E, finalmente, tu, navegador, tens ali, naquelas penedias, espaço para poderes admirar o mar gláuco e sem fim e escutares a sua voz misteriosa. Dali, à beira dum oceano, tu poderás, águia insatisfeita, partir para longes terras de maravilha.

Acho melhor irem para Portugal, e, quando houver vaga na celestial mansão, eu os mandarei chamar...»

Pouco tempo depois, entravam em Portugal, vindos não sei de onde, ante o pasmo das gentes, um cavaleiro, um poeta e um navegante.

E, desde então, a nossa Raça, tem sido uma Raça de cavaleiros bravos e virtuosos, de poetas talentosos e sonhadores e de mareantes ousados e aventureiros.

F I M



O ESQUILO GENEROSO



Por LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)



Mas o Furão, que é esperto, não se deixou enganar pela súbita e aparente generosidade de dom Esquilo. Foi procurar o seu amigo Javali e disse-lhe:

— «Amigo: é chegada a ocasião de pagar o que te devo. O meu compadre dom Esquilo parece que está em maré de generosidade. Vem daí comigo e receberás um belo cêsto de nozes...»

O Javali aceitou o convite.

Ao chegarem junto do palácio, o Furão chamou:

— «Dom Esquilo, dom Esquilo!...»

— «Que é lá?!...»

— «Visto que vossa bicheza quer retribuir o conselho que lhe dei, pensei melhor e resolvi aceitar o seu cestinho de nozes...»

O Esquilo deu um salto e, de focinho franzido, indagou:

— «Ora essa!... Mas para que queres tu as nozes se só comes carne?»

— «Não lhe dê isso cuidado, dom Esquilo. Sabe para que as quero? E' para pagar uma dívida. Quando, há tempos, a minha mulher esteve doente, aqui o meu amigo Javali emprestou-me uma porção de carne. Ora como eu tenho estado bastante atrapalhado, ainda não pude pagar a minha dívida. Chegou agora a ocasião!...»



— «Hom'essa, compadre!... Então tu queres pagar a dívida à minha custa?...»

— «Não, dom Esquilo. Quero apenas que vossa bicheza me retribua o meu conselho para que eu possa liquidar a dívida...»

— «Ah sim!... Agora percebi... Queres, então, que eu retribua o teu conselho. Pois aí vai a retribuição. E' outro conselho, êste bem mais proveitoso do que o teu:

Quando prestares um serviço
exige paga adiantada
porque, se a pedes no fim,
pouco te darão ou nada!...»

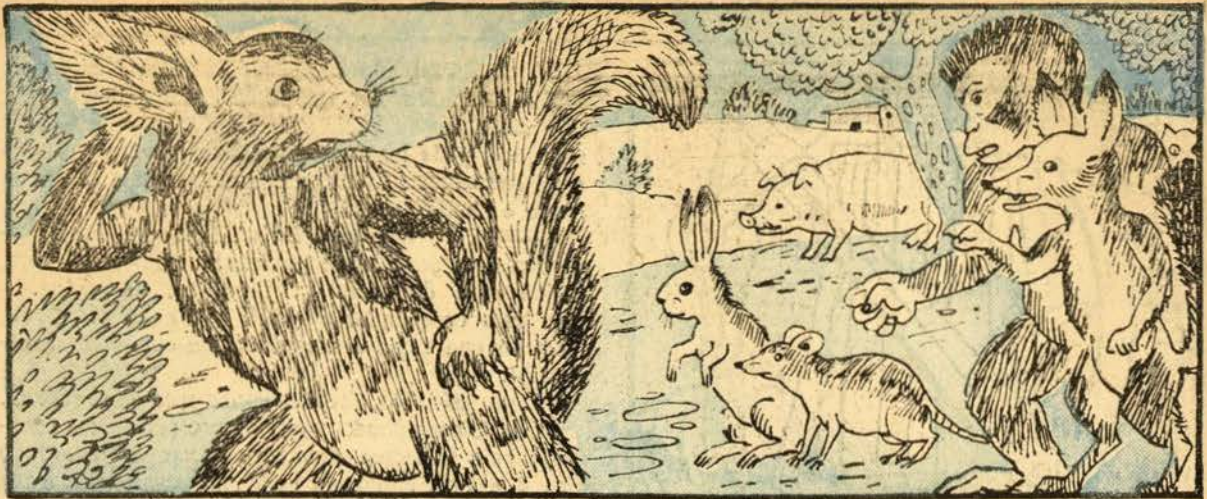
E, voltando as costas, meteu-se em casa a rir, e a fazer carêtas.

O Furão e o Javali estavam desesperados. Mas como lutar com um bicho tão poderoso, tão rico?

E afastaram-se, sem coragem para protestar.

Passado algum tempo, o Esquilo saíu de casa e encaminhou-se para uma das suas nogueiras, resolvido a continuar a fingir de generoso.

Pouco depois de se instalar, passou um pobre galo, velho e doente. O Esquilo chamou-o:



— «Psst! Psst!... O desgraçado!...»
 O galo levantou a cabeça e perguntou:
 — «Que deseja vossa bicheza?»
 — «Matar-te a fome, miserável!... Queres uma
 esmola?»
 — «Quero, quero, senhor bicho!... Há dois dias
 que nada como!...»

— «Então, péga!...»
 E, fazendo pontaria, atirou, com toda a força, uma
 noz à cabeça do infeliz.
 — «Ai, minha cabeça!... Ai, minha cabecinha!...
 Malvado!... Assassino!...» — gritou o galo, ao sen-
 tir-se ferido. E desatou a fugir sem mesmo olhar para
 trás.

AS DEZ FADAS — (Continuação da página 1)

— «Para aí, amiguinha e ouve uma pequena his-
 tória...»

— «Gosto tanto das tuas histórias, Anãozinho!
 Ainda mais que dos teus quadros!...» Confessou,
 com toda a franqueza, a Guidinha que, decididamente,
 não tinha em grande conta a minha veia artística.

— «Então, ouve com toda a atenção: Era uma
 vez uma menina que tinha, como tu, uma grande
 inclinação para a preguiça...»

— «Como percebeu isso, Anãozinho?» — pergun-
 tou, um tanto indignada, a minha amiguinha.

— «Não tens feito outra cousa senão descobrir
 êsse teu feio defeito, com as tuas observações!...
 Mas vamos à história: A madrinha da tal menina
 preguiçosa, era uma fada. Nêsse tempo, ainda elas
 andavam pelo mundo. Vai a menina lembrou-se de
 lhe pedir uma ou duas criadas que fossem tão traba-

lhadoras, tão activas, como ela era preguiçosa. — Não
 te darei nem uma, nem duas. — disse-lhe a madrinha
 — mas dez, às quais bastará dares uma ordem para
 que, imediatamente, te obedecam. Uma vez, ao teu
 serviço, elas se encarregarão de te lavar, de te vestir,
 coserão e bordarão por ti, enfim, farão tudo o que
 lhes mandares; mas aviso-te que só as posso dis-
 pensar durante uma semana.

— A pequena não cabia em si de contente! As
 dez pequenas fadas, — porque elas eram pequeninas,
 esqueci-me de te dizer! — obedeciam-lhe, ao menor
 desejo!

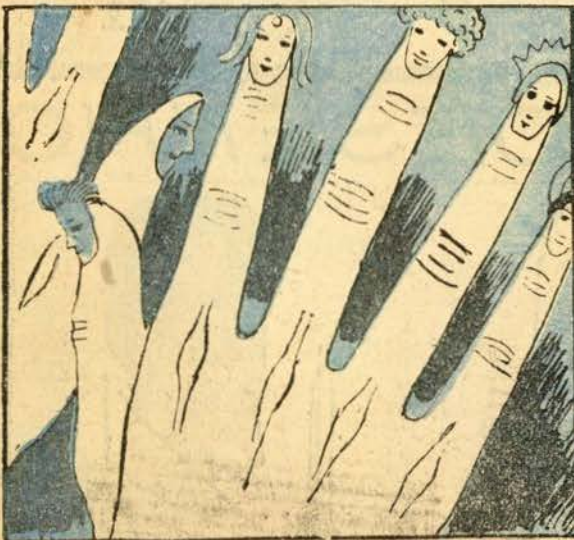
Ao cabo, porém, de oito dias, a madrinha voltou
 e disse-lhe: — «Então, estás satisfeita? — Satisfei-
 tíssima, minha boa madrinha! — respondeu a me-
 nina. — Mas, agora já não posso passar sem as minhas
 queridas fadazinhas e, por isso, peço-lhe que me não
 separe delas!»

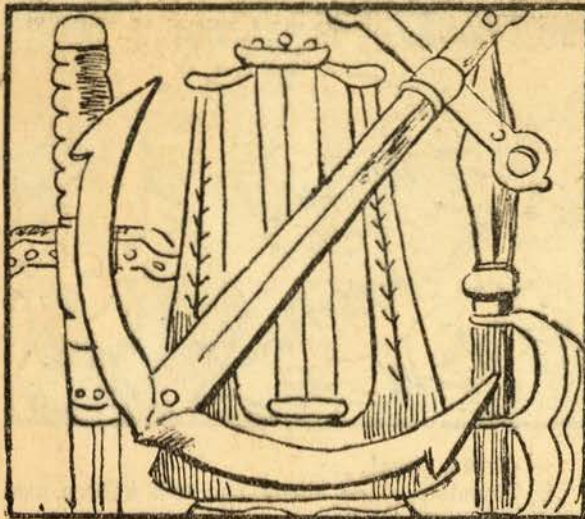
— «Há um único meio para eu as poder deixar
 ficar contigo — disse a madrinha fada — é ligar uma
 a cada um dos teus dedos!»

Assim se fez e a pequena preguiçosa tornou-se,
 em pouco tempo, uma menina exemplar, activa e
 hábil, como mais nenhuma!

— «Gostaste da minha história e compreendeste
 bem o sentido dela, Guidinha?»

— «Se percebi, Anãozinho! Essa linda história
 fez-me vêr bem a minha preguiça! Mas prometo-lhe
 que hei-de lembrar-me dela e há-de vêr que, daqui
 em diante, não desejarei mais fadas! Tenho cá
 dez!» — disse-me a Guidinha, mostrando-me, muito
 satisfeita, os seus dedinhos côr de rosa.





O Esquilo, então, sorriu com ares superiores e, descendo da árvore, foi apanhar a noz que atirava ao outro, murmurando!

— «Êstes pobretões são mesmo uns ingratos!... Vá lá um bicho ter coração!... Não vale a pena!...»

E voltou a instalar-se no seu posto. Daí a pouco, avistou, ao longe, a senhora Ratazana, que, dias antes, fôra vítima dum desastre e vagueava, cheia de fome, pela floresta, arrastando uma perna e mal se podendo sustentar de pé. O Esquilo gritou-lhe:

— «Ratazana! Ratazana!... Eh Ratazana!...»

A pobrezinha aproximou-se a custo:

— «Vossa bicheza chamou?»

— «Chamei. Tu tens fome, não é assim?... Nesse caso vou dar-te uma esmola! l'enho aqui três grandes nozes para te oferecer. Vem buscá-las!...»

— «Mas, dom Esquilo, bem sabe que não posso subir!... Com uma perna partida e esta maldita fraqueza, mal posso mexer-me!...»

— «Nada!... Há pouco atirei uma ao galo. Sem querer acertei-lhe na cabeça e êle ficou desesperado comigo!... Não quero que contigo suceda o mesmo... Porisso ou vens cá cima buscar a esmola que te dou, ou então marcha de aqui para fóra e não me tornes a pedir coisa alguma...»

A Ratazana, a-pesar das dôres que sentia e da grande fraqueza em que estava, tinha tanta fome, que ainda tentou subir à árvore. Mas, ao chegar a meio, não pôde mais e, desprendendo-se, veio cair no solo, desmaiada. Então, o Esquilo fez uma careta de enjôo e comentou:

— «Uf!... Que maçada!... Não se pode ser generoso com semelhante povinho!... A esta, agora, dá-lhe para de maiar!... Pronto!... Desisto!... Vou para casa jantar e dormir uma sonéca!... Vale mais do que estar a incomodar-me com êstes miserraveis!...»

E, aos saltinhos, encaminhou-se para o seu palácio. Ora encarrapitado numa árvore próxima e encoberto pela folhagem, dom Macacão espertalhão tudo vira e ouvira. Indignado com tanta desfaçatez e tão grande cinismo, dom Macacão a penas viu desaparecer o Esquilo, dirigiu-se a tôda a pressa à Clareira da Floresta, o largo onde se reüniam todos os bichos importantes daquelas redondezas. Apenas chegado, trepou à árvore mais alta e guinchou com tôda a fôrça:

— «Silêncio!... Escutem!... Vou contar-lhes as ultimas e vergonhosas proezas de dom Esquilo!...»

E imediatamente relatou o que sabia, com todos os pormenores. A bicharada, excitadíssima, logo que dom Macacão terminou a sua história, desaloou num berreiro ensurdecedor:

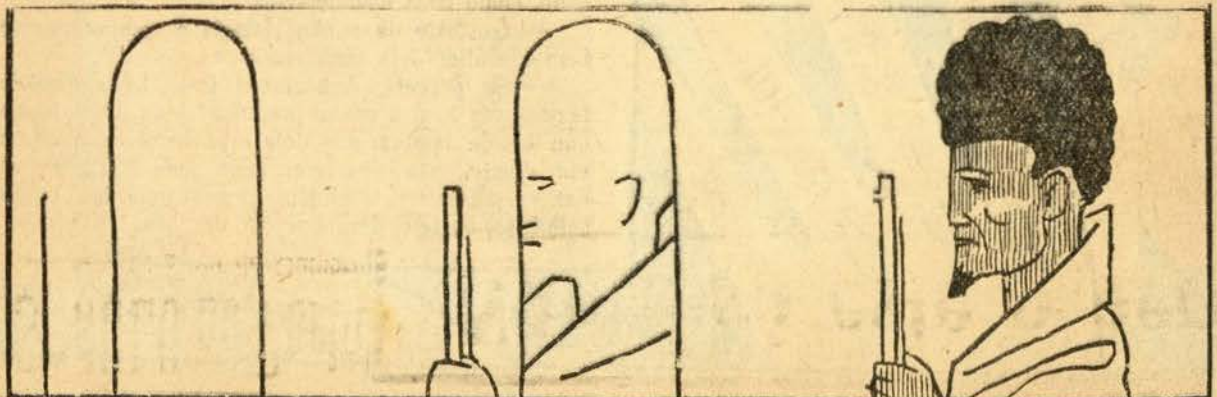
— «Fóra!... Fóra, o malvado Esquilo!...» Expulsemo-lo da floresta!...»

E, com dom Macacão à frente, tôda a bicharada se dirigiu ao palácio de dom Esquilo. Obigaram-no a sair cá para fóra. E em charola o levaram até os confins da floresta, proibindo-o de tornar a pôr ali as patas!...

...E não mais houve notícias do Esquilo santarrião, hipócrita e avarento; para intrujar — um portento! — sem honra e sem coração!...

F I M

LICÃO DE DESENHO

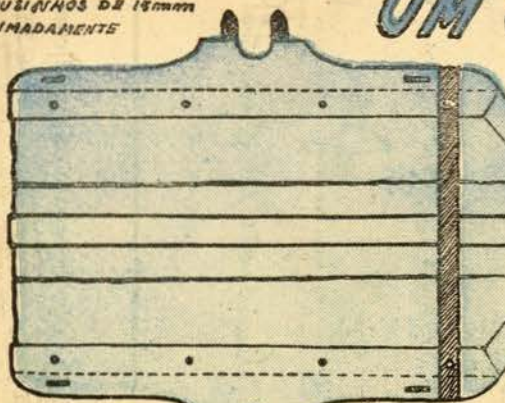


Como se desenha um guerreiro da Etiópia

UM CARRO DE BOIS

NÊSTES BURACOS ESPETAR
DITO RAUSIQUINHOS DE 15mm
APROXIMADAMENTE

K1



ESQUEMA



POSICÃO DO CORDE

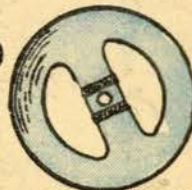
LIGAR POR MEIO DUM CORDELA A CANGA



CANGA

TIRADOIRA

ESPETAR DOIS RAUSIQUINHOS NÊSTES BURACOS



RODAS

URTA
MÃO À CABEÇA DO
BOIA LIGAR UM
CORDELA

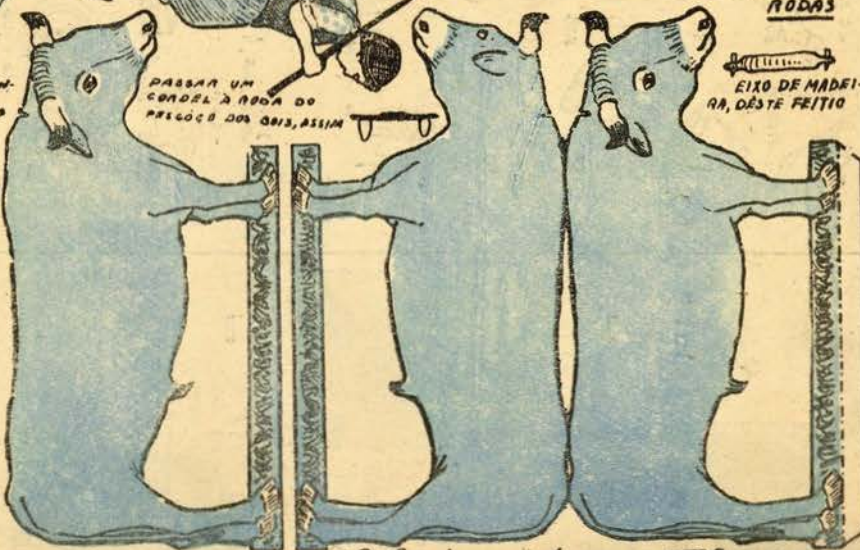
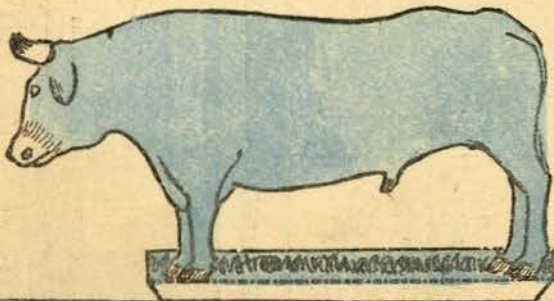


NÊSTAS FENDAS EN-
CAIXA A CANGA

LIGAR COS-
TAS COM COS-
TAS

PASSAR UM
CORDELA À RODA DO
PELCOBO DOS BOIS, ASSIM

EIXO DE MADEI-
RA, DÊSTE FEITIO



Celavisa — Américo Teborala